

Redação: uma experiência de sala de aula

Kelly Cristini Granzotto©

Resumen*

Desenvolver actividades de redacción en la escuela, principalmente, cuando se trata de producir un texto más complejo como el disertativo-argumentativo es siempre un desafío para los educadores, y los resultados obtenidos de esas experiencias siempre tienen un gran valor. Pensando así, es que se quiere a través de esta publicación, exponer un trabajo de producción de texto, desarrollado con alumnos de segundo grado, bien como compartir nuestras reflexiones y indagaciones sobre el producto de la acción.

Resumo

Desenvolver atividades de redação na escola, principalmente, quando se trata de produzir um texto mais complexo como o dissertativo-argumentativo, é sempre um desafio para os educadores, e os resultados obtidos dessas experiências sempre têm um grande valor. Pensando assim, é que se quer através desta publicação, expor um trabalho de produção de texto desenvolvido com alunos do Ensino Médio, bem como partilhar nossas reflexões e indagações sobre o produto da ação.

1. Introdução

Neste trabalho será relatada uma atividade desenvolvida pelo projeto de pesquisa: "A construção da prática pedagógica: um ato contínuo" em duas turmas de 3º série numa escola de Ensino Médio de Santa Maria, na disciplina de Língua Portuguesa, envolvendo a produção de texto dissertativo. Este artigo faz parte das atividades do projeto: "Construção da prática pedagógica: um ato contínuo", orientado pela professora Sirlei Bitencourt Pacheco. Levando em consideração nosso objetivo maior que é assessorar professores da rede de ensino e futuros alunos

estagiários do Curso de Letras - UFSM com métodos para o ensino de Língua Portuguesa nas diferentes áreas de estudos como língua/linguagem, leitura e produção de texto, é que procuramos desempenhar a tarefa na escola.

2. Relato

Primeiramente, recebemos a visita de uma professora de Português da escola que nos solicitou ajuda para trabalhar com produção de texto nas duas turmas de 3º série do Ensino Médio. Concedeu-nos total liberdade para fazermos o trabalho, pois acreditava estarmos bem preparadas para tal. Cada turma tinha em torno de 25 a 30 alunos e as aulas seriam de uma hora semanal em cada uma delas.

Depois do convite, começamos a pensar no modo como iríamos realizar nosso trabalho. Percebemos que precisávamos, antes de mais nada, de um texto escrito dos alunos, para assim projetarmos as aulas. Então, solicitamos à professora uma redação da turma, que foi feita exclusivamente para a ocasião, sem nenhum preparo inicial, conforme depoimento dos alunos e da própria professora, sobre o tema do vestibular de 1999 da UFSM que envolvia os programas eleitorais.

Com os textos em mão, fizemos um trabalho de leitura, análise e categorização dos erros mais frequentes apresentados e, a partir disso, sugerimos uma série de exercícios sobre essas inadequações. Percebemos que os problemas maiores envolviam a parte do conteúdo do texto: coesão, coerência, estrutura do parágrafo e estrutura da própria modalidade de texto pedida. Definimos então nossa linha de ação na escola. Iríamos trabalhar a partir dos textos dos alunos. Conforme Fávero, Andrade, Aquino:

Se o professor organiza sua aula com base nos textos produzidos pelos alunos, analisa-os e os discute, a teoria será divulgada a partir da prática, e ele, aluno, será não um simples espectador, mas um

* Acadêmica do 3º semestre do Curso de Letras Espanhol e bolsista PROLICEN 1999 - 2000.

Assim, trechos de redações seriam analisadas com a turma em aula. Algumas partes seriam corrigidas, outras reescritas. Enfim, nosso estudo sobre o texto dissertativo partiria do texto já produzido pela classe.

Por serem turmas de 3ª série do Ensino Médio, acreditávamos, inicialmente, que não poderíamos nas aulas de que dispúnhamos, ensinar-lhes a fazer um texto dissertativo, uma vez que imaginávamos que isso já havia sido aprendido. Assim, nosso objetivo era mostrar aos alunos erros/inadequações apresentadas nos seus próprios textos e, a partir de explicações, fazer exercícios e análise, saber detectar e corrigir essas irregularidades. No decorrer dessa atividade, explicações eram lançadas à turma para redigirem um bom texto. Motivados por essa situação, partimos para a escola com o intuito de realizar um bom trabalho, ademais de testar um método de trabalho com o texto dissertativo.

As aulas foram ministradas durante, mais ou menos, um mês (11/09 a 29/10 de 2000).

I AULA- Sendo a primeira aula, apresentamo-nos às turmas expondo nosso projeto e nosso objetivo com aquela atividade que iríamos desenvolver juntos. Oralmente, fizemos um comentário sobre tipologias textuais e depois especificamente sobre o texto dissertativo, apontando suas características. Após isso, começamos a falar dos textos que eles já haviam produzido e que serviram de suporte para todo o trabalho desenvolvido. Referimo-nos à proposta da redação, a qual nem todos seguiram conforme o exigido, o que nos obrigou a chamar a atenção da classe sobre o cuidado ao ler os enunciados. Para concluir a aula desse dia, lemos para todos a redação que, dentre as duas turmas, melhor atendeu às exigências do tema.

Nessa aula, as turmas estavam tranquilas. Faltavam muitos alunos, era o último período em uma turma e o primeiro na outra e o professor, tanto quanto a atividade, eram novos. Nesse contexto, realizamos a primeira aula. Os alunos questionavam-nos e pareciam muito interessados no conteúdo, o que nos deixou ainda mais motivadas e confiantes no trabalho. Ficamos surpresas, já de início, com duas colocações feitas por eles: o texto que haviam produzido sobre os programas eleitorais era o primeiro feito no ano; além disso, a classe pretendia aprender a fazer uma redação dissertativa, pois, segundo eles, não

conheciam a estrutura dessa modalidade de texto. Ouvimos esses dois comentários e ficamos apreensivas. Então, perguntamo-nos: E agora? Que podemos fazer? Quanto à primeira situação não podíamos mudar; quanto à segunda, até poderíamos mudar, mas ao fazermos isso estávamos desviando o objetivo de nosso trabalho já combinado anteriormente. Por causa disso, optamos por continuar a nossa linha de ação na escola e conversarmos com a professora titular sobre a assunto.

II AULA- Na segunda aula, fizemos um breve relato para os alunos dos problemas que mais encontramos nas redações, tanto no nível da textualidade quanto no nível formal, lingüístico. No aspecto formal, foi necessário, inicialmente, trabalhar com a concordância verbal e a pontuação. No campo do conteúdo, as atividades foram realizadas sobre coesão e coerência, repetições, parágrafo e estrutura da dissertação. Em cada item abordado, explicávamos primeiro o conceito e o porquê de ser usado no texto. Tudo era exemplificado com textos dos alunos.

Numa das turmas, cuja aula é no último período, os alunos estavam um pouco agitados, o que nos obrigava a, freqüentemente, chamar-lhes a atenção, dificultando nosso trabalho. Só nos surpreendeu a presença de apenas 14 alunos dos 25 alunos matriculados.

Na outra turma, cuja aula é no primeiro período, ocorria sempre o mesmo problema: os alunos chegavam atrasados o que nos impedia de começar a aula no horário determinado (7h30min), e atrapalhavam quando já havíamos iniciado. Estavam presentes 19 alunos dos 31 matriculados.

III AULA- Nessa aula, resolvemos levar aos alunos um texto dissertativo para que percebessem como se estrutura, quais as características, e, principalmente, a construção da argumentação. Primeiramente, fizemos uma leitura oral e compreensiva do texto. Depois é que passamos, com as turmas, a analisar a linguagem usada, a detectar a estrutura do texto (Introdução – Desenvolvimento - Conclusão), a perceber qual é a tese que o autor defende e os argumentos e outros recursos usados por ele para convencer o leitor. Nosso objetivo com esse texto era mostrar uma das maneiras de se construir a argumentação.

Novamente, nas duas turmas, o índice de alunos presentes e interessados era baixo.

IV AULA- Nessa quarta aula, entregamos alguns exercícios escritos para os alunos, já que até então havíamos trabalhado mais na oralidade. As atividades eram referentes ao estudo do parágrafo e sua estrutura, à pontuação, à concordância verbal e

nominal e à coesão e coerência. Em aula, conseguimos juntos fazer as questões referentes ao parágrafo. Dentre elas, havia itens de redações dos próprios alunos, também questões que envolviam a estrutura do parágrafo (tópico frasal mais períodos que o desenvolvem) e uma que exigia a redação de um parágrafo. Esta última atividade, pedimos que fizessem em casa, o que não ocorreu, pois somente um aluno entre duas turmas realizou a tarefa.

Nessa aula, tanto na mesma turma quanto na outra, os alunos estavam mais inquietos do que o normal das aulas anteriores.

V AULA- Nessa quinta aula, devido aos alunos não terem trazido o material onde estavam os exercícios que pretendíamos continuar trabalhando (o que demonstrou pouco interesse pelo trabalho), resolvemos dar-lhes explicações sobre o que poderiam ou não fazer no momento de escrita de um texto dissertativo. Também, dissemos a eles que na próxima aula iríamos trazer um tema para redação. Sugeriram que essa fosse feita em aula, com tema surpresa, e que ao corrigirmos usássemos a lista de correção da UFSM, para que pudessem treinar para o PEIES e o Vestibular. Concordamos com a idéia e assim sucedeu.

Os alunos estavam terríveis nesse dia. Não paravam quietos, impedindo a realização do nosso trabalho (mais uma vez não reconhecendo a importância do trabalho). Tivemos que conversar seriamente sobre o que vinha acontecendo: alunos que faltavam, outros que nunca apareceram, a falta de interesse e respeito por nós que estávamos ali apenas com o fim de ajudá-los. Nesse contexto, exigimos que, se quisessem que nós continuássemos com as atividades, ninguém poderia interferir de modo prejudicial na aula. Assim, todos concordaram pelo silêncio. Nessa aula, estavam presentes numa turma, 21 alunos e na outra 18, um número melhor que o das aulas anteriores.

Saímos tristes da aula pelo que aconteceu. Chegamos à conclusão de que os alunos não estavam interessados em saber de seus erros, conforme metodologia adotada por nós. Eles preferiam que lhes ensinássemos aquilo que não lhes fora ensinado em três anos de estudo: fazer redação, fazer um texto dissertativo. No momento em que não atendemos às pretensões deles, perdemos o interesse dos mesmos em nosso trabalho. Alegavam prestar concurso para o PEIES e o Vestibular e precisavam aprender a redigir. Em suma, queriam aprender a fazer um texto porque determinados concursos exigem isso.

VI AULA- Conforme o pedido dos alunos, levamos o tema surpresa (mas que considerávamos que teriam condições de desenvolver) e a folha para redação com os critérios de correção.

Numa turma, estavam presentes apenas 2 alunos para nossa decepção e espanto. Esses alunos disseram que os demais haviam "matado" a aula e que isso acontecia freqüentemente.

Noutra turma, mais alunos compareceram(19), sendo que muitos chegaram atrasados. O combinado era entregarem as redações no final da aula, mas muitos não conseguiram acabar o texto(10alunos) e pediram para entregar no dia seguinte, o que foi aceito.

As redações feitas pelos alunos foram corrigidas conforme ficha do vestibular da UFSM e depois devolvidas.

3. Considerações finais

Após o término do trabalho, paramos para analisar o andamento de nossas aulas, o comportamento das turmas e principalmente se os objetivos iniciais haviam sido alcançados. Constatamos que, por uma série de situações, nosso trabalho não surtiu exatamente o resultado desejado. Primeiro, os alunos não estavam devidamente preparados para o tipo de atividade que desenvolvemos de correção de erros de seus próprios textos, uma vez que não haviam escrito nenhuma outra redação durante todo o ano, exceto a que pedimos. Não tinham ciência do tipo de texto que deveriam escrever e suas características. Assim sendo, isso prejudicou, de certa forma, o andamento do trabalho, pois tivemos que, de um modo breve, comentar sobre esse item.

O comportamento dos alunos frente às atividades não era o ideal. As conversas de alguns deles e o ter de chamar-lhes a atenção, exigindo ordem, atrapalhavam muito o andamento das aulas, prejudicando também o aprendizado dos colegas interessados. Além disso, os horários das mesmas não eram os mais propícios: numa turma, o primeiro período, o que ocasionava que chegassem atrasados, e noutra turma, o último horário, o que propiciava que " fugissem " das aulas e que já estivessem cansados. Aliado a esses aspectos, também estava o pouco interesse delas em trabalhar com textos, com redação. Não sabemos se realmente acontece o mesmo com a disciplina de Português e outras, mas imaginávamos que os alunos, por estarem no ensino médio, seriam mais responsáveis.

Com a finalização da nossa tarefa na escola, observamos que dois aspectos fundamentais para que nossos objetivos com a atividade tivessem sido

alcançados, não aconteceram: o interesse pela disciplina e uma preparação inicial (em séries anteriores) maior para o ato de escrever(3ª série). Já, o interesse pela disciplina também deve ser despertado, mas isso só vai ocorrer no momento em que se realizarem modificações no modo de ensinar.

O ato de redigir, em qualquer instância, não é algo fácil e rápido. Ele exige uma preparação anterior, um conhecimento prévio do assunto abordado e das características da modalidade de texto a ser escrita. Sendo assim, antes de se "colocar no papel" qualquer palavra é preciso refletir sobre ela, sobre a forma em que vai ser escrita, a fim de que o leitor futuro da mesma a perceba clara e possível de interpretada. Conforme dizer de Garcia:

A experiência nos ensina que as falhas mais graves das redações de nossos colegas resultam menos das incorreções gramaticais do que da falta de idéias ou da sua má concatenação. Escreve realmente mal o estudante que não tem o que dizer porque não aprendeu a pôr em ordem seu pensamento, e porque não tem o que dizer, não lhe bastam as regrinhas gramaticais, nem mesmo o vocabulário de que possa dispor. Portanto, é preciso fornecer-lhe os meios de disciplinar o raciocínio, de estimular-lhe o espírito de observação dos fatos e ensiná-lo a criar ou aprovisionar idéias: ensinar, enfim, a pensar.(1969,p. 274)

Obviamente que na teoria tudo funciona e faz sentido, mas na prática, principalmente a vivida pela escola hoje, não é assim que acontece. Tanto professores quanto alunos não estão preparados o suficiente para o ato de produzir textos. Quem ensina ignora, muitas vezes, aquele ato inicial de preparação e/ou motivação, o que acaba incutindo no pensamento de quem escreve a idéia de que fazer uma redação é simplesmente receber um tema, lê-lo, apanhar uma caneta e escrever sobre o papel. Percebendo que os alunos pensavam dessa forma, sempre tentávamos mostrar-lhes que assim como dispõem de passos para resolver uma questão de Física ou Matemática até chegar ao resultado, também isso acontece com a redação. Precisavam, antes de escrever, fazer preparação para tal, organizar as idéias e não simplesmente escrever o que vem no pensamento de forma desorganizada. Mas, modificar o modo de os alunos e professores entenderem como se produz uma redação não é fácil nem possível de acontecer de um momento para outro. Exige muito tempo e vontade de mudar.

4. Referências bibliográficas

- CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em Construção*. São Paulo: Moderna, 1996.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em Prosa Moderna. Aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 2.ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Fundação Getúlio Vargas, 1969.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C.V. O. ; AQUINO, Zilda G. O. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.